

Movimentos migratórios de populações marítimas portuguesas

Henrique Souto

Geógrafo, Departamento de Geografia e Planeamento Regional,
Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa
Av. Berna, 26 - C, 1069-061 Lisboa.
<h.souto@sapo.pt>

Resumo

Os assalariados rurais e os pescadores encontram-se entre os grupos populacionais que mais saem da sua terra em busca de melhores condições de vida. Não possuindo a propriedade do solo (no caso dos assalariados rurais) ou trabalhando num meio de propriedade comum (os pescadores) a motivação para partir é maior. No caso concreto das populações piscatórias, acresce muitas vezes a mobilidade do recurso vivo explorado e a propriedade da embarcação e das artes de pesca. Juntam-se, assim, dois factores que contribuem para os seus movimentos, no passado muitas vezes efectuados em embarcação própria, que servia de local de trabalho e de habitação. Foi assim que muitos locais da costa portuguesa foram povoados.

Não se pretendendo fazer um trabalho exaustivo (que está por fazer), sublinham-se três movimentos migratórios protagonizados por populações ribeirinhas portuguesas, em três períodos distintos: 1) O papel de ilhavos, murtoseiros e varinos na colonização do litoral Norte e Centro de Portugal (e seu encontro com algarvios), na transição do século XIX para o XX; 2) Migrações da Praia da Vieira para o Rio Tejo, na primeira metade do século XX; 3) Movimentos temporários de trabalho de pescadores portugueses para a costa atlântica francesa, na actualidade.

Palavras-chave: Migrações, Pescadores, Pesca.

Introdução

As motivações para os movimentos migratórios de populações ribeirinhas (leia-se de pescadores) não difere, na essência, das constatadas para os restantes grupos populacionais, nomeadamente a busca de melhores condições de vida em locais diferentes dos da sua origem. Particularizam-se, porém, por estas populações retirarem o seu sustento do meio aquático, extraindo-lhes os recursos vivos que nele vivem, caracterizados por serem de propriedade comum e de ocorrência e acessibilidade variáveis no espaço e no tempo. A esta motivação primordial acrescentam-se outras relacionadas quer com a industrialização da pesca (nomeadamente no período de desenvolvimento da indústria conserveira, que criou oportunidades de trabalho nos portos mais importantes) quer com limitações ou restrições legais a esta actividade. Não menos importante foram as alterações verificadas na linha de costa, que na orla sedimentar ocidental portuguesa, particularmente

na região lagunar de Aveiro, obrigaram muitos pescadores a abandonar, temporária ou definitivamente, as suas terras.

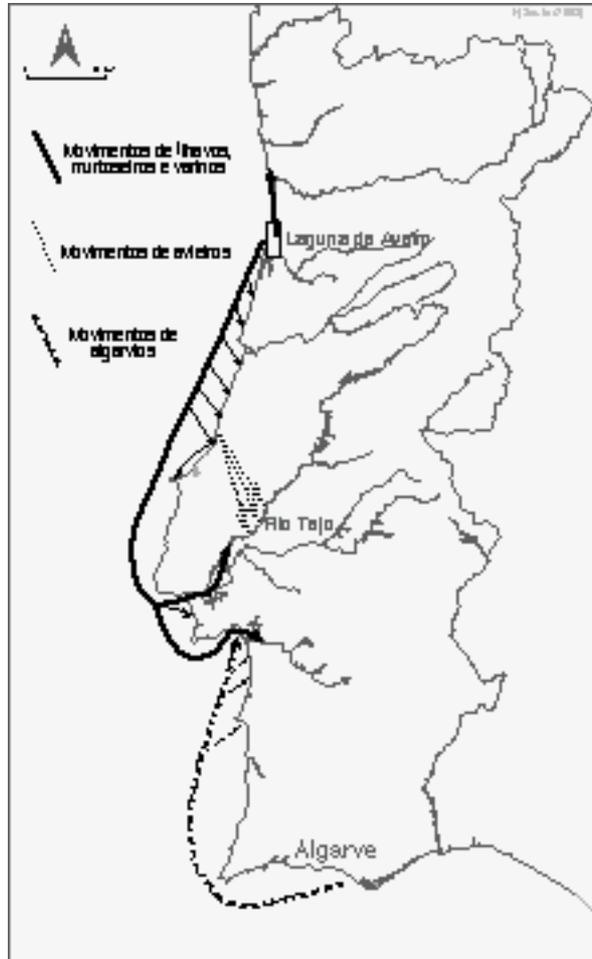


Fig. 1 - Principais migrações internas de pescadores em Portugal Continental referidas no presente texto.

1. O papel de ílhavos, murtoseiros e varinos na colonização do litoral Norte e Centro de Portugal (e seu “cruzamento” com algarvios)¹

A variabilidade do recurso explorado, de causas muitas vezes difíceis de estabelecer, aparece por vezes evidente. Assim, uma das regiões que mais migrantes originou, a da laguna de Aveiro (vulgo “Ria de Aveiro”), parece ter a sua génese em

alterações no meio lagunar, que ora proporcionava boas condições de vida ora a tornava extremamente difícil, fenómeno muito comum até ao início do século XX, altura em que se estabilizou a ligação ao oceano, precisamente porque as alterações na laguna dependiam essencialmente das condições dessa ligação. Sendo assim, não é de estranhar que ílhavos, murtoseiros e varinos se tenham transformado no grupo que mais se movimentou e estabeleceu no litoral português, particularmente até ao rio Sado e costa de Tróia², tendo a particularidade dos movimentos se fazerem por mar³.

É hoje ponto assente que ílhavos, murtoseiros e varinos se deslocavam pela costa em busca de locais piscosos, estabelecendo-se, num primeiro tempo, apenas na época da safra, construindo para isso habitações precárias com materiais locais (palheiros), que eram abandonados após o período de pesca, para num segundo tempo se sedentarizarem, dando assim nascimento a praticamente todas as praias de palheiros entre a laguna de Aveiro e a Praia da Vieira. Em alguns locais constituíram importantes comunidades, como na Nazaré, onde os ílhavos foram um dos grupos mais importantes, senão o mais importante (Caneco, 1999).

Estas populações também penetravam nos rios Tejo e Sado (Baldaque da Silva, 1891) na época da pesca ao sável, ao que tudo indica utilizando artes de pesca semelhantes às usadas nos seus locais de origem (o sável era capturado com uma rede designada “saveira”, semelhante às redes envolventes-arrastantes usadas em lagunas ou no mar, mas adaptada ao ambiente dos rios). No Sado não há sinais do seu estabelecimento, mas alguns ficaram pelo Tejo, encontrando-se ainda hoje naturais e descendentes destes pescadores.

Terá sido a grande piscosidade do Tejo a atrair também pescadores da Praia da Vieira, certamente por possuírem laços familiares com os primeiros. De facto, Baldaque da Silva (*op.cit.*) refere no Tejo a presença de pescadores varinos e ílhavos e, não especificando a sua origem, barcos de pesca nas povoações a montante de Vila Franca de Xira⁴.

¹ Ílhavo e Murtosa constituíram dois importantes núcleos da emigração portuguesa. A este propósito veja-se Arroiteia (1984).

² Os movimentos das populações ribeirinhas da região de Aveiro é muito anterior ao século XIX (Amorim, 2000). A este propósito, Amorim (*op.cit.*) refere que “*A praia do Furadouro assim como outras praias ao longo da costa de Aveiro não eram núcleos permanentes. Existiam enquanto a época de pesca funcionava e esta, sendo sazonal, de Agosto a Outubro, ou Novembro, permitia o desenvolvimento de outras ocupações na Ria, na agricultura ou então emigrava. É conhecido o processo de dispersão e povoamento do litoral pelos pescadores de Ovar até ao Porto (...), até à Caparica, a sul de Lisboa, ou mesmo para o Algarve, para Olhão. Sabe-se que emigravam, sazonalmente, para o Tejo, como aconteceu aquando do célebre terramoto de Lisboa de 1755 (...).*”

³ Pelo menos assim ocorria no primeiro quartel do século XX, como tão bem descreve Raúl Brandão em Os Pescadores.

⁴ Baldaque da Silva (*op.cit.*) refere “*quarenta barcos varinos, denominados batis-batis, tripulados por oitenta homens, número medio d’estas embarcações, que do districto de Aveiro emigram para o Tejo; trinta barcos ílhavos, tripulados por quatrocentos e cincoenta homens, que depois da pesca costeira à tarrafa, vão pelo rio acima para a pesca do savel (...)* e vinte *barcos* de pesca que ha nas povoações marginaes de Villa Franca para montante, geralmente com dois homens cada um.”

Os varinos não se limitavam a viver da pesca pois estabeleceram desde muito cedo uma rede de comercialização do sável na região de Ovar, o que aparece referido em diversos relatórios do início do século XX efectuados por oficiais da Marinha⁵. Num desses relatórios encontra-se mesmo anotado que em Ovar, mesmo em períodos de carência de peixe na laguna, nunca faltava o sável, pois era trazido do Tejo por comerciantes da terra. Esta propensão dos varinos (sobretudo das mulheres) para o comércio do peixe “agarrou-se-lhes” de tal forma que ainda hoje, no norte do país, as comerciantes de peixe são designadas por varinas, qualquer que seja a sua origem. E as varinas de Lisboa fazem parte da história da cidade ...

Outra região que viu os seus pescadores saírem para outros praias foi o Algarve. De vários locais partiram populações pobres que se foram estabelecendo pela costa Sul até à Costa de Caparica, onde se fixaram. Nesta localidade cruzaram-se com os ílhavos que aí também se sedentarizaram (Lisboa, 1951). Ainda hoje é possível constatar na Costa da Caparica, junto dos pescadores, esta dualidade de origens, traduzida por grande rivalidade entre os descendentes de algarvios e os descendentes de pescadores do Norte⁶, que se traduz, ainda hoje, por uma grande “depreciação” do grupo contrário.

Para os algarvios não se sabe bem a motivação para o movimento migratório, que parece ter sido mais intenso nas primeiras décadas do século XX, mas não deverão andar longe das más condições de vida e do trabalho sazonal e assalariado nos campos e no mar⁷. Todavia, encontram-se ainda hoje algarvios, ou seus descendentes, principalmente nas terras em que a pesca mais se industrializou, num movimento associado à difusão de inovações na indústria conserveira e na própria frota de pesca. De facto, embora esteja por fazer a história da difusão das inovações tecnológicas nas pescas portuguesas⁸, sabe-se que grande parte das novidades vieram de Espanha para a costa algarvia, tendo daí alastrado pelo país. Evidente é também o papel dos industriais de conservas que se foram aproximando da matéria prima, isto é, instalando-se nos portos onde era mais abundante o peixe, como foi o caso de Peniche ou de Matosinhos. Nesse aspecto, Raúl Brandão elucida-nos quando diz que Peniche é horrível devido às indústrias de conservas (“do Fialho do Algarve”) que conspurcam e tornam o ar irrespirável⁹.

⁵ Documentos existentes no Arquivo da Marinha, em Lisboa.

⁶ Os actuais pescadores da Caparica, descendentes de “nortenhos”, designam invariavelmente os seus ascendentes como sendo do Norte, não sabendo precisar exactamente de onde. Seria obviamente de todo o interesse fazer um levantamento dos registos de nascimento até meados do século XX ...

⁷ No Algarve era muito comum os assalariados agrícolas dedicarem-se aos trabalhos da pesca durante o Verão.

⁸ Ressalvem-se os trabalhos de Inês Amorim, nomeadamente “Trabalho e tecnologias das pescas: transferências de modelos entre Espanha e Portugal: sécs. XVIII e inícios de XIX”, em *VII Congresso Internacional da Sociedade Española de Historia de las Ciencias y de las Técnicas*, Pontevedra, 1999.

⁹ *Os Pescadores*, 1923.

Curiosamente, a imagem dos algarvios como difusores de inovações ainda hoje se mantém. De facto, encontrámos por diversas vezes, e em diversos locais da costa, a justificação para uma nova atitude ou para uma nova técnica de pesca como tendo sido introduzida por pescadores do Algarve.¹⁰

2. Migrações da Praia da Vieira para o rio Tejo

Já referidas no ponto anterior, as migrações de pescadores da Praia da Vieira para o rio Tejo ocorreram essencialmente na primeira metade do século XX. Como todos os movimentos migratórios internos foi primeiro sazonal, levando posteriormente à fixação de populações em vários locais do troço fluvial do Tejo. Popularizadas por Alves Redol na sua obra *Os Avieiros*, é talvez o movimento migratório interno mais conhecido¹¹, embora subsistam alguns pontos obscuros (figura 2).

Atraídos pela riqueza do rio, sobretudo em sável, os pescadores migrantes exploravam o rio e pescavam, lança após lança, inúmeros destes peixes: chegavam a apanhar mais de 1500 de uma só vez, o que dá bem a ideia da abundância deste anádromo¹².

Quando não pescavam sável (ou savelha) apanhavam enguia, assim percorrendo todos os afluentes e “valas” do rio Tejo: rio S. Estevão, Vala da Azambuja, Pombalinho, ... Se a pesca assim o exigisse, dormiam nos barcos, pequenas *bateiras* que se cobriam com um toldo de encerado armado com varas de cana.

Muitos dos pescadores migrantes desta praia, que se dirigiam para o Tejo¹³ com o objectivo de participar na pesca sazonal do sável, foram-se fixando em várias áreas marginais ao rio, onde construía palheiros palafíticos. Valada, Reguengo, Palhota, Escaroupim, Toureira, foram alguns desses locais, todos implantados nas margens do troço fluvial entre Vila Franca de Xira e Santarém. Muitos porém, preferiam a mobilidade e viviam nos barcos, deslocando-se com os seus poucos haveres para onde fosse necessário. Esta “fixação definitiva” no rio Tejo parece ter sido sublinhada pela crise na pesca oceânica com artes de arrastar para a praia (xávega).

¹⁰ Por exemplo, o aparecimento recente de uma nova arte de pesca em Matosinhos (a sombreira) é atribuído pela maioria dos pescadores a um pescador que a trouxe do Algarve, quando nessa região não há nada de semelhante! A este propósito veja-se Souto (1998).

¹¹ Veja-se, por exemplo, Colas (1992), Santos (1959), Souto (1998), Veiga de Oliveira *et al.* (1969).

¹² Anádromos são peixes que vivem no oceano mas que se reproduzem em águas doces.

¹³ De acordo com testemunhos vivos, e ao contrário de ílhavos e varinos, estes pescadores deslocavam-se para o Tejo por terra (por caminho de ferro e a pé).

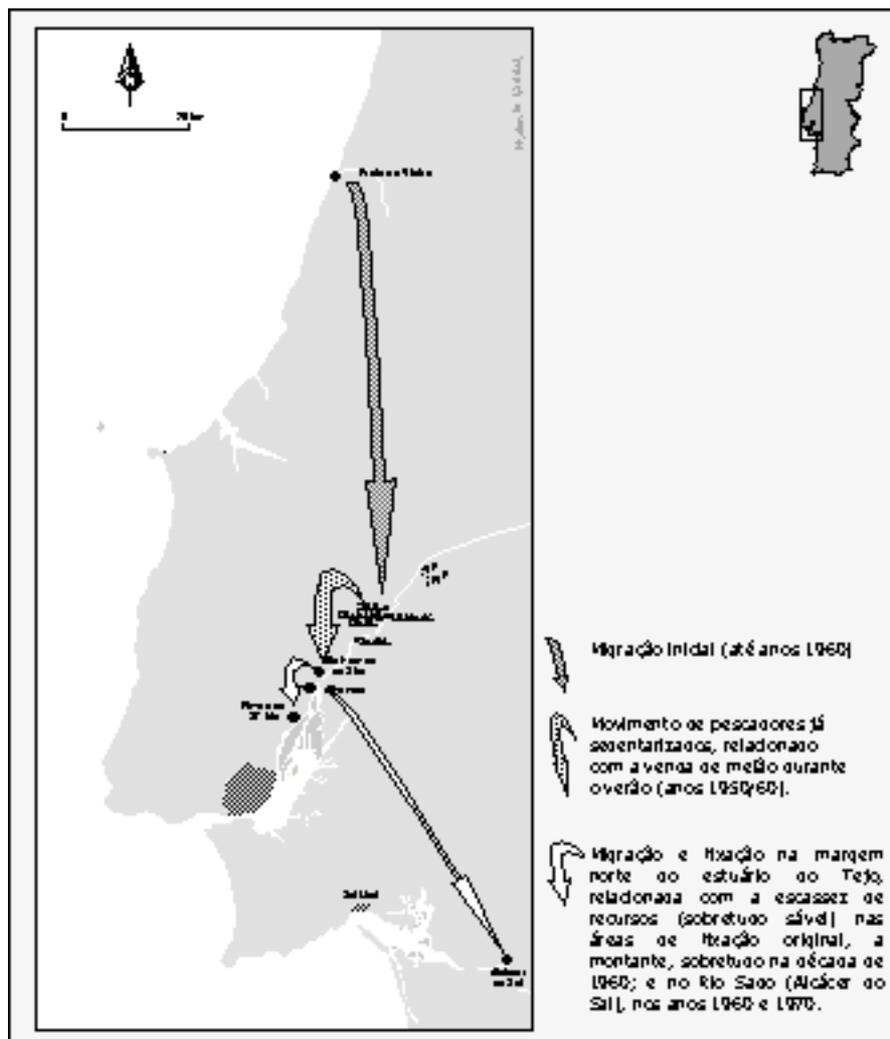


Fig. 2 - Migrações de pescadores avieiros (extraído, com modificações, de Souto (1998).

À medida que a pesca no troço fluvial do rio ia escasseando, devido ao acréscimo de efluentes industriais e à construção de barragens (década de 1960), parte dos pescadores que aqui se fixaram foram descendo o rio à procura de pescarias alternativas em áreas supostamente mais ricas: as águas estuarinas. Acresce que já conheciam estas paragens, pois desde há muito desciam até elas, no Verão, com o objectivo de vender o melão comprado para os lados de Vila Franca. As vendas eram feitas em três locais da margem norte do estuário: Vila Franca de Xira, Alhandra e Póvoa de Santa Iria. Nos anos 1960 constituíam junto a estas localidades concentrações de barcos, nos quais viviam: o barco servia de casa, para o transporte de melão e para a pesca. Alguns construíram palheiros sobre estacas, como

em Vila Franca de Xira¹⁴. Na Póvoa de Santa Iria, o Comandante Tenreiro, então Ministro da Marinha, mandou levantar no fim dos anos 1960 um pequeno bairro, junto ao rio, para albergar as famílias de pescadores, na construção do qual estes colaboram com trabalho. Alguns destes pescadores da Póvoa, ao que afirmam por dissidências familiares, acabaram por abandonar o Tejo e foram-se instalar no rio Sado, em Alcácer do Sal, onde constituíram um núcleo *avieiro* que ainda hoje existe, tal como os de Vila Franca, Alhandra e Póvoa de Santa Iria. A montante de Vila Franca poucos são os que ainda subsistem.

3. Migrações contemporâneas de pescadores portugueses para o estrangeiro: o exemplo da França

Motivações diferentes parecem conduzir actualmente muitos pescadores portugueses para a pesca em países estrangeiros, onde lhes são oferecidas condições de trabalho e remuneratórias muito superiores às oferecidas em Portugal: essencialmente, é-lhes oferecido trabalho, o que vai escasseando em Portugal.

As migrações de pescadores do Norte do país (sobretudo da Torreira e da Póvoa de Varzim) para trabalhar em embarcações da Galiza são já relativamente conhecidas. Caracterizam-se por deslocações exclusivamente de trabalho, isto é, o pescador desloca-se em grupo ou individualmente em carro alugado para o porto de embarque, parte para cerca de duas semanas de pesca, retorna ao porto onde o aguarda o transporte e regressa à terra para 2 a 3 dias de descanso, após o que volta a partir para a pesca.

Mais recentemente, desde 1997/98, muitos têm sido os pescadores que vão trabalhar para Inglaterra, Irlanda e França. Por escassez de mão de obra nestes países, são os próprios armadores que tomam a iniciativa de contactar organizações portuguesas (associações de pescadores, sindicatos) no sentido de recrutar pescadores.

Apesar da barreira linguística, principal obstáculo a uma rápida integração no trabalho a bordo, pescadores de diversas comunidades do Norte do país têm arriscado a integração em embarcações estrangeiras. Não havendo informação disponível para outros países, embora por experiência pessoal se saiba que existem¹⁵, exemplificar-se-á com o caso francês.

Desde essa altura que um sindicato de pescadores do Norte de Portugal recruta e presta apoio a pescadores que pretendem trabalhar em França. Os movimentos são muito semelhantes aos referidos já para as embarcações galegas, embora no presente caso as deslocações se façam por via aérea. Conquanto se recrutem pescadores por toda a costa

¹⁴ Na realidade, as autoridades não permitiam as construções, embora por vezes as tolerassem pelo seu carácter precário, como em outras regiões. A este propósito veja-se Veiga de Oliveira *et al.* (1969).

¹⁵ Tivemos já oportunidade de dialogar com um armador irlandês que procurava pescadores portugueses para trabalhar em arrastões daquele país.

norte, em Dezembro de 2003 as comunidades com maior número de pescadores envolvidos eram as da Praia de Mira, Costa Nova e Torreira/Murtosa (figura 3). O principal porto de destino era St. Malo¹⁶, havendo contudo pescadores em muitos outros portos da costa atlântica (figura 4).

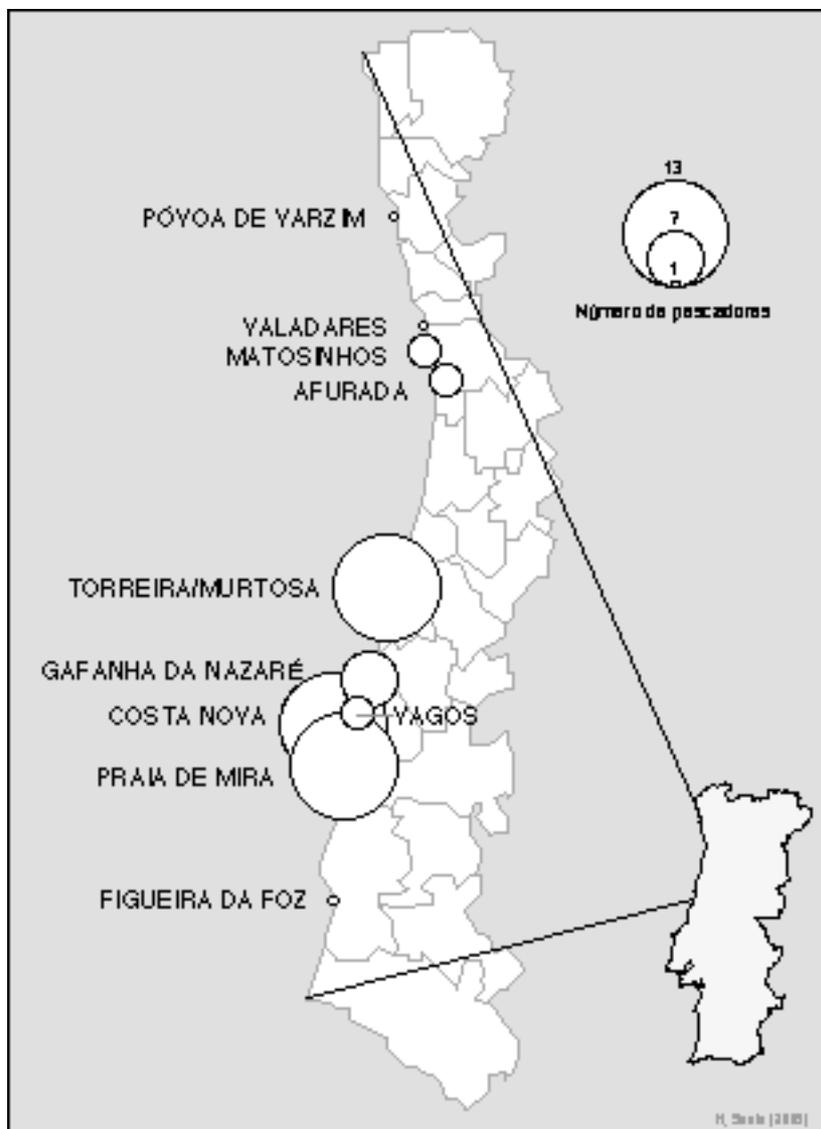


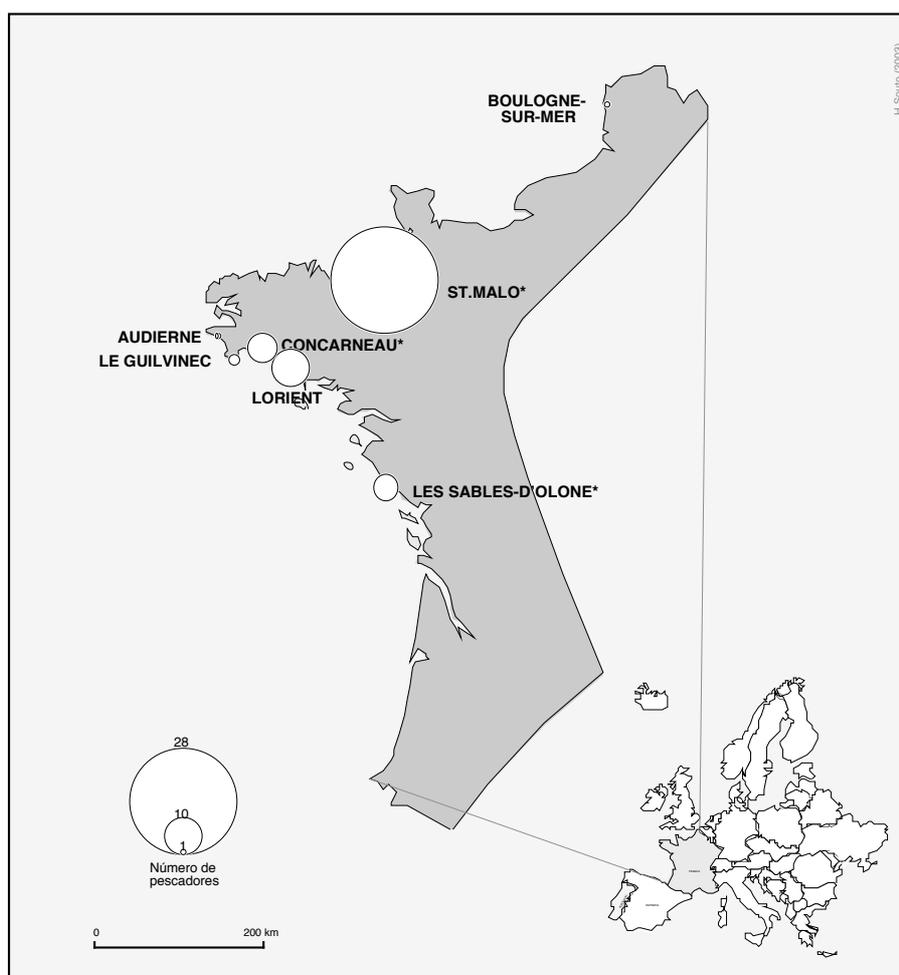
Fig. 3 - Comunidades de origem dos pescadores emigrados em França (Dezembro de 2003).

Em França, estes pescadores portugueses trabalham sobretudo em arrastões, preferindo os armadores franceses, naturalmente, pescadores com experiência nesta arte, o que é comum na área de Aveiro, principal porto de armamento destas embarcações em Portugal. Os arrastões franceses, industriais, pescam desde as águas francesas até aos mares

¹⁶ Embora importante, o porto de Saint Malo não rivaliza com os principais portos franceses, nomeadamente Boulogne sur Mer, Lorient e Concarneau. A frota de Saint Malo, maioritariamente

da Escócia e da Irlanda. Experiências de trabalho nouro tipo de embarcações francesas não têm sido bem sucedidas por parte de pescadores experientes no arrasto.

O principal empregador é uma empresa de St. Malo que também possui fábricas de transformação em terra. Mas também há pescadores a trabalhar para empresas do Grupo Intermarché, que domina toda a fileira da pesca e é o principal fornecedor de pescado em França, e para diversos armadores industriais.



(*) - Núcleos com pescadores já "sedentarizados".

Fig. 4 - Portos de destino dos pescadores portugueses a trabalhar em França.

Embora este movimento seja recente, há já pescadores portugueses radicados em Concarneau, Saint Malo e Sables D'Olonne, não se revelando, pois, estes movimentos temporários de trabalho para o estrangeiro como excepção à regra, isto é, após uma fase inicial de movimentos temporários, verifica-se a sedentarização de alguns migrantes, a que se seguirá certamente uma terceira fase que pressupõe já a radicação na terra de acolhimento.

constituída por arrastões, desembarca menos de 10 mil toneladas de pescado por ano.

Atravessando o sector das pescas em Portugal um período menos bom, com restrições crescentes à actividade e consequente perda de emprego¹⁷, a oportunidade de trabalhar noutros estados comunitários revela-se boa, sobretudo pelas condições de trabalho e pelas remunerações auferidas¹⁸.

Notas finais

Quando o peixe escasseia ou deixa de compensar, não raras vezes, ao pescador só resta escolher entre o abandono da actividade ou a emigração. Procurámos dar a conhecer alguns dos movimentos migratórios de pescadores, em Portugal, mas também para o exterior.

Convém referir que nem sempre na emigração de pescadores portugueses para o estrangeiro se manteve a actividade profissional. Por exemplo, nas décadas de 1960 e de 1970 muitos pescadores abandonaram o país clandestinamente, tal como muitos outros nacionais, com destino a diversos países nos quais passaram a exercer todo o tipo de actividades não especializadas. Subestimada no sector das pescas, esta saída de braços representou para muitas comunidades um decréscimo na actividade, mas traduziu-se, após o retorno, por muitas casas novas (sempre com um anexo para os proprietários, já que a casa era e é habitualmente para arrendar à temporada) e novos meios de produção (embarcações e artes próprias). Coincidiu, também, com a destruição dos palheiros (considerados sinal de pobreza) e o crescimento do turismo balnear. Começou então a ocupação caótica do litoral português, precisamente nas praias de pescadores¹⁹, que foram sendo “secundarizados” no espaço que foi durante largas décadas exclusivamente construído e usufruído por eles.

Muitos outros movimentos migratórios, externos ou internos, haveria a referir. Destes últimos há um que embora não sendo de pescadores, mas de assalariados agrícolas, deu origem a uma comunidade de agro-pescadores única em Portugal: a Carrasqueira, no estuário do Sado, cujo estudo se recomenda a todos os interessados por estas matérias²⁰.

¹⁷ O que não invalida que alguns imigrantes provenientes do Leste da Europa se encontrem a trabalhar na pesca em Portugal.

¹⁸ O pescador que trabalha em França chega a auferir um salário de 3 500 € por mês (cerca de quatro vezes e meia mais do que em Portugal), recebe todos os complementos (por exemplo, abono de família), possui seguro de acidentes pessoais e de vida, desconta para a segurança social e, se sindicalizado, as suas quotas são descontadas e enviadas para o respectivo sindicato.

¹⁹ A este propósito, veja-se, da Professora Raquel Soeiro de Brito, *Palheiros de Mira, Formação e Declínio de um Aglomerado de Pescadores*, 2ª ed. Lisboa: CEG. 1981.

²⁰ A propósito da Carrasqueira veja-se, de Fernando Ribeiro Martins e Henrique Souto, “Os agricultores-pescadores da Carrasqueira (Estuário do Sado)”, disponível em http://e-geo.fcsh.unl.pt/pdf/linhaad_henrique_souto_doc01.pdf

Referências bibliográficas

- AMORIM, I. (2000). “Relações de trabalho e gestão pesqueira nos séculos XVIII e XIX - A pesca da xávega na Praia do Furadouro (Costa de Aveiro)”, *Revista de História Económica e Social*, Separata.
- ARROTEIA, J. (1984). *Os Ílhavos e os Murtoseiros na Emigração Portuguesa*, Aveiro: ADERAV.
- BALDAQUE DA SILVA, A.A. (1891). *Estado Actual das Pescas em Portugal Compreendendo a Pesca Marítima, Fluvial e Lacustre em Todo o Continente do Reino Referido ao Ano de 1886*, Imprensa Nacional: Lisboa.
- CANECO, J.A. (1999), *Nazaré. Tradição e História*. Nazaré: Câmara Municipal da Nazaré.
- COLAS, J.C. (1992). Avieiros - estudo de uma população de pescadores emigrados nas margens do Tejo, *Boletim Cultural CIRA*, 5, Câmara Municipal de Vila Franca de Xira, pp.199-241.
- LISBOA, J.R. (1951). A Costa da Caparica: origem de uma aglomeração de pescadores, *in Comptes Rendus du Congrès International de Géographie, Lisbonne, 1949*, T.III, Lisboa, pp.229-231.
- SANTOS, M.A. (1959). *Os Avieiros: Estudo de Geografia Humana*, Dissert. Lic. Geog. Univ. Lisboa, Lisboa.
- SOUTO, H. (1998). *Comunidades de Pesca Artesanal na Costa Portuguesa*. Dissertação de doutoramento. Lisboa: Universidade Nova de Lisboa.
- VEIGA DE OLIVEIRA, E. (1969). *Construções Primitivas em Portugal*, Lisboa: Centro de Estudos de Etnologia.